

# Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural – comunicação e teoria crítica da sociedade

*Francisco Rüdiger*  
*Edipucrs. Porto Alegre, 2004.*  
*3ª edição. 288 p.*

**Por Mariana Baierle Soares\***

\* Graduada em Jornalismo (PUCRS)  
e em Letras (UFRGS).

**S**egundo a Escola de Frankfurt as práticas e valores culturais da modernidade estão ligados à mercadologia da indústria cultural. Há uma relação predominantemente mercantil entre as formas de cultura e arte. Para seus principais teóricos, Horkheimer e Adorno, o capitalismo adicionou a cultura ao campo da economia e da administração – constituindo uma sociedade baseada em corporações transnacionais e blocos político-econômicos. Francisco Rüdiger no livro em epígrafe expõe as proposições de Adorno e suas percepções acerca da crítica à indústria cultural. O livro (Edipucrs. Porto Alegre, 2004. 288 páginas) é dividido em prefácio, apresentação, 7 capítulos, conclusão e referências. Conforme o autor, a fusão entre capitalismo e cultura constitui a indústria da consciência. O capitalismo é base para que as pessoas passem a consumir mercadorias culturais tecnológicas. Se por um lado os avanços tecnológicos promovem o desenvolvimento indi-

vidual, por outro impõem sujeições e dependências. Para Theodor Adorno, o conceito de arte surge junto com a indústria cultural – bases da sociedade burguesa. Tal sociedade é dotada de contradições, pois sua configuração pode levá-la tanto a avanços e progressos, quanto a crises e colapsos estruturais – o que é caracterizado claramente no método dialético de Adorno, que expressa as tendências em questão. A tecnologia na sua essência não é boa, nem má. Dependendo da abordagem e das configurações da sociedade, ela pode trazer melhorias nas condições de vida e desenvolvimento ou retrocesso e exclusões.

*A competição econômica se perpetua e reproduz de maneira cada vez mais severa através – e não ao invés – do progresso tecnológico. As circunstâncias apenas redimensionaram sua escala, reservando seus principais lances para os grandes e poderosos. (p. 47)*

Rüdiger desenvolve a obra baseado na análise crítica da indústria cultural de Adorno. Para ele a mercantilização crescente de produtos desse gênero permite a gratificação psicológica das pessoas com posse desses bens. O caráter artístico é subordinado às necessidades do mercado. A distração e o preenchimento de vácuos na consciência tornam-se mais relevantes que a cultura em si. O avanço das forças produtivas transformou o conhecimento em valores os quais as pessoas dispõem-se a pagar. Existem, todavia, aqueles (exceções) que articulam seu intelecto por meio dos bens culturais, não constituindo meros consumidores.

*Precisamente por isso, a sociedade contemporânea é geradora de contradições que produzem uma conduta ambivalente, – tecnicista e regressiva ao mesmo tempo –, que, se por um lado favorece o progresso do sistema, também pode leva-lo à mudança, crise ou involução, por intermédio das mais diversas alternativas. (p. 48)*

Em virtude da tecnologia moderna e da intervenção do Estado, as pessoas passaram a se diferenciar cada vez menos no contexto funcional da sociedade – ainda que, na sua essência, os indivíduos não

possam ser iguados. O conhecimento científico passa a dominar a natureza e a vida social, submetendo a população à massificação coletiva. Contudo, ao mesmo tempo em que vivemos a era da massificação, o progresso separa e individualiza as pessoas – caracterizando um dos maiores paradoxos da nossa época e centro das contradições tratadas na obra. O contato ao vivo torna-se cada vez mais raro, as visitas à casa de amigos e a conversa entre vizinhos são substituídas por *e-mails*, mensagens de celulares e programas de conversação instantânea pelo computador. O bate-papo informal é menos freqüente na medida em que sistemas de computadores realizam semelhante função no dia-a-dia das pessoas, eliminando as barreiras físicas da comunicação e acomodando as pessoas dentro de suas casas.

A população, de certa forma, é consciente das interferências que sofre e da inserção no ambiente capitalista de que é submetida. Segundo Adorno e Horkheimer, as massas possuem uma atitude “ambígua para com a manipulação”. A sociedade se diverte com os bens culturais que lhes são oferecidos e, ao mesmo tempo, sabe que as empresas e veículos de informação buscam sustentação econômica – o que afeta a formação da opinião pública, na medida em que as empresas procuram atender seus próprios interesses.

Não se deve ignorar, porém, que os bens culturais constituem uma excelente forma de divertimento desde que não confundidos com as próprias obras de arte. A cultura é tratada como um elemento improdutivo, configurando-se de fórmula para o indivíduo esquecer do seu trabalho e preocupações, ao invés de representar um momento integral e constante da própria autoconservação e desenvolvimento intelectual. O conceito de entretenimento deve, assim, ser submetido a um questionamento incisivo, da mesma forma como o conceito de cultura – uma das bases da crítica à indústria cultural. O entretenimento por si próprio não é um fator negativo na sociedade, contudo adquire essa configuração quando passa a sucumbir formas de arte legítima, conhecimento e desenvolvimento intelectual. Não existe na televisão e nos demais meios um limite de separação entre a cultura e a arte emancipatória, do entretenimento e da diversão sem conteúdo e profundidade.

Para Rüdiger, mesmo com tentativas de autonomia em relação à indústria cultural, o princípio que rege a sociedade na era técnica é a submissão da produção artística e cultural e da consciência humana à forma de mercadoria. “Atribui-se a Adorno o entendimento de que a prática da indústria cultural realiza um trabalho ideológico de lavagem cerebral nas massas e, assim, as mantém num estado de falsa consciência” (p. 167). Para o pensador, através dos meios de comunicação as pessoas procuram apenas “esquecer a frieza da sociedade liberal administrada”.

O autor aborda também a visão dos interlocutores de Adorno: Benjamin (1966), Kracauer (1940) e Bloch (1977). Esses acreditavam que o divertimento tecnológico representava desejos reprimidos de forma alienada. Apostam na capacidade humana de libertar-se de modismos e assumir as tecnologias como um caráter revolucionário. Ambos eram esperançosos de que a nova cultura também representasse uma alteração nas relações sociais vigentes – podendo consolidar o fim da separação entre a vida e a arte, constituindo um caráter de libertação. Segundo Bloch, os prejuízos que temos com a modernidade dão-se apenas devido ao fato da tecnologia ainda ser mal administrada.

Conforme Adorno, a possibilidade de se cultivar um bom nível intelectual, livre da política consumista da diversão e do entretenimento vigente, ainda é restrita a poucos privilegiados. A popularização da cultura só torna-se positiva quando amplia a experiência e o conhecimento de seus receptores. Contudo, o mundo atual prevê que “se há soluções a serem encontradas [para qualquer problema] elas deverão ser compradas”. É preciso ter dinheiro para comprar o próprio desenvolvimento intelectual – o que traz conseqüências de ordem estrutural, ampliando o abismo que separa pobres e ricos. Conforme Rüdiger, a crítica à indústria cultural objetiva decifrar as contradições sociais e problemas do homem moderno. Assim, representa proposições históricas e filosóficas que podem servir de embasamento para uma ciência social crítica. Os estudos de crítica à indústria cultural procuram examinar como a sociedade se expressa através das suas várias mídias. O programa desses estudos se centra nos processos através dos quais a produção e a recepção

são mediadas em conjunto pelas comunicações enquanto mercadorias, as quais as pessoas estão dispostas a pagar direta ou indiretamente.

*Segundo Adorno, a crítica à indústria cultural constitui parte de uma teoria crítica da sociedade. Os fenômenos de mídia não podem ser estudados de maneira autônoma. O problema, para ele, consiste em saber como esses fenômenos se inserem na crise da cultura moderna provocada pelo progresso do capitalismo. (p. 240)*

De acordo com a conclusão da obra, os valores de troca não escapam em nenhum momento da vida cotidiana da sociedade moderna. “A suposição de que os homens se tornariam melhores e mais felizes se pudessem viver sem os regimentos mercantis tornou-se ainda mais utópica”. Segundo Adorno, os processos de sujeição precisam ser entendidos em um contexto histórico, dentro do qual eles se localizam e adquirem sentido. A acumulação de capitais (e não as comunicações) é o que estrutura as relações sociais, estando o maior problema da sociedade não na mídia, mas na forma como se ordena a vida coletiva. ■